AS SOBRAS DO IMPÉRIO COLONIAL A PROPÓSITO DO ROMANCE NOCTURNO EM MACAU DE MARIA ONDINA BRAGA

Henrique Manuel Ávila

RESUMO: *Le roman Nocturno em Macau de Maria Ondina Braga présente une interprétation de la décadence de l'empire colonial portugais, ce qu'il fait: a) en tant que roman écrit par une femme, en montrant que la colonisation, au sein d'une civilisation franchement masculine, fut réduite au niveau d'une "affaire des femmes"; b) en tant que dialectique discursive, en questionnant l'idéologie du "peuple élu" (empruntée au peuple juif), qu'il détruit; c) pour ce qui est de ses épigraphes, en prêtant à l'ancienne poésie chinoise (celle du peuple colonisé à Macao) l'autorité nécessaire pour juger aussi bien les résultats que les perspectives de l'épisode colonial portugais.*

PALAVRAS-CHAVE: *literatura portuguesa, romance contemporâneo, romance feminino, romance do fim do Império.*

Depois de cinco séculos, quase seis, o que sobrou do Império Colonial português? Na *Mensagem*, em versos sintomaticamente datados da passagem de ano de 1921 para 1922, às vésperas do centenário da independência do Brasil, Fernando Pessoa já respondia:

Restam-nos hoje no silêncio hostil

O mar universal e a saudade (PESSOA, 1977, p. 83).

Com o sentimento agudo da decadência ficou, para muitos portugueses, também um fundo ressentimento contra as nações que, de há muito, teriam substituído Portugal na condução da história universal. Para outros, sobrou o peso da culpa pelas violências da expansão colonial, sem que valha a pena considerá-las menores do que as praticadas por outros impérios. Para alguns, finalmente, terá ficado a memória gloriosa dos feitos heróicos do passado, dissimulada pelo discurso do humanismo e do

universalismo, mas permito-me duvidar de que isso represente uma boa e feliz consciência, livre de quaisquer brechas de inquietação. Creio mesmo que o orgulho, a saudade, o ressentimento e a culpa se entremisturam na consciência coletiva e na consciência individual de cada um dos portugueses como o saldo mais evidente de meio milênio de ação colonial.

Além dessas repercussões contraditórias na mentalidade e na sensibilidade nacionais, ainda sobra hoje do Império Colonial um território: a exígua cidade de Macau, com as pequenas ilhas da Taipa e Coloane, na costa da China, já com data marcada para voltarem à soberania chinesa. É dessa derradeira colônia que fala um romance há pouco publicado em Portugal: *Nocturno em Macau* de Maria Ondina Braga (1991).

Alguém poderia pensar que este livro represente um desesperado aferrar-se ao último pedaço do Império e, por consequência, a rejeição e denúncia do chamado processo de descolonização. Mas o romance situa a sua história na década de sessenta, quando Portugal ainda mantinha as grandes e ricas colônias de Angola e Moçambique: situando-se em Macau, onde a administração portuguesa começava a transformar-se em governo-fantoches, e multiplicando as referências a Goa, que acabava de ser integrada na União Indiana, o romance de Maria Ondina Braga projeta no passado a evidência de que o Império fatalmente iria terminar, tão frágeis eram as bases em que se assentava. O título do livro é sintomático: *noturno* é metáfora do fim e, como gênero, aponta para o lirismo elegíaco, claramente oposto aos usos imperialistas da epopéia de Camões, cuja gruta e jardim em Macau Maria Ondina Braga faz questão de nomear várias vezes.

Romance do fim do império, *Nocturno em Macau* é também um romance feminino. Não tanto por ser escrito por uma mulher, mas sobretudo por apresentar uma mulher como protagonista, num ambiente tipicamente feminino: Ester, a protagonista, é uma professora portuguesa que trabalha em Macau, depois de ter ensinado em Goa; o colégio é de freiras para meninas e nele também moram as professoras não-freiras. Dir-se-ia que a empresa colonial, que sempre fora de responsabilidade masculina, veio a dar em tarefa inferior de mulheres. Dominadas pelos homens, tanto na civilização portuguesa quanto na chinesa, as mulheres tomariam a seu cargo defender os valores masculinos quando os próprios homens nesses valores tinham deixado de acreditar.

Mas Ester já não é uma simples mensageira da cultura portuguesa, uma vez que ensina a língua *inglesa*, veículo e símbolo de novo e mais eficiente império, capaz até de absorver e administrar as próprias aparências de emancipação, tanto das mulheres quanto dos povos. A mais influente professora chinesa do Colégio Santa Fé, Xiao Hé Huá, apesar de ter fugido da China para Macau e de ser catecúmena cristã, detesta os portugueses, a quem considera demônios, e não esconde muito a simpatia pela revolução comunista de Mao Tsé Tung. Quem assume o ônus de transmitir a língua imperial portuguesa às meninas de Macau é uma mulher colonizada, a goesa

Gandhora, segundo um processo bastante dramático: embora se vista à indiana e ostente, com orgulho, a insígnia da sua pertença a uma das principais castas da Índia, Gandhora abandonou a sua terra, entretanto reintegrada à União Indiana, e abandonou o marido, para esperar a correspondência, espaçada e inconsequente, de um possível amante português, que permanece para sempre distante; infiel à sua própria terra e dela excluída, Gandhora jamais conseguirá ser aceita por inteiro na cultura que a colonizou. Através destas três mulheres — Ester, Gandhora e Xiao Hé Huá — Maria Ondina Braga nos mostra os resultados amargos do Império Colonial: a portuguesa passa a servir o novo imperialismo capitalista mundial, de base americana; a indiana continua a desejar a colonização portuguesa, sem verdade e sem futuro; a chinesa rejeita, por igual, a sua civilização e a portuguesa, porque ambas são injustas, em relação a mulheres e em relação aos pobres.

Este romance feminino do acaso do Império opera também a inversão discursiva da ideologia de povo evangelizador e civilizador, que durante meio milênio pretendeu definir a identidade de Portugal e justificar a sua “missão no mundo”. Para dentro do discurso do “povo eleito”, primeiramente usado pelos judeus e depois pelos portugueses, Maria Ondina Braga lança alusões bíblicas que questionam e desmontam tal discurso. A heroína, como já dissemos, chama-se Ester, e o militar português, namorado dela, chama-se Zacarias — dois nomes bíblicos que recordam o exílio, o cativo do povo eleito na Babilônia. Assim o Império Colonial teria significado para os portugueses o exílio da sua própria terra e o domínio deles por outro poder mais forte. Em Macau, por exemplo, a terra era pequena, distante e isolada, de domingos sufocantes para Ester, e aí mandavam os chineses, apesar da existência formal da administração portuguesa. O poder econômico e a cultura eram predominantemente chineses. A própria Ester deseja, sem conseguir, casar-se com um chinês. Lu Si-Yuan, enquanto se fascina com a perfumada e misteriosa carta em caracteres chineses que ele lhe mandou: por um lado, vemos neste amor a confissão da inferioridade feminina de Portugal em relação à superioridade masculina da China; por outro lado, pela analogia com o casamento da judia Ester com o rei persa Assuero (cf. *Livro de Ester*), descobrimos que a portuguesa Ester desejaria salvar e elevar o seu povo através da entrega amorosa ao povo adversário. Além de irrealizável, fica, no entanto, a dúvida de que tal pacto de submissão portuguesa se dirigisse apenas às classes dominantes locais, de maneira que os portugueses pudessem dominar e explorar o povo miúdo dessas terras.

Ester fica dividida entre o português Zacarias e o equivalente chinês do rei Assuero, sem se decidir por nenhum dos dois. Não regressa, *de verdade*, do Império, entendido como exílio, porque Zacarias não evoca apenas o profeta da reconstrução do templo em Jerusalém e, portanto, do país anterior à aventura colonial, mas evoca igualmente o pai de João

Batista, o precursor de Cristo e, portanto, o perigo de recair em novo messianismo colonizador. Ester também não se dissolve na cultura chinesa, porque, apesar do fascínio, continua presa aos preconceitos culturais portugueses e ocidentais:

Amar um chinês em Macau, uma portuguesa, uma metropolitana!
Tratasse-se, vamos lá, de macaense, mas chinês! E logo em Macau, nas águas paradas de Macau (BRAGA, 1991, p. 41).

A solução, pobre solução afinal, provém de outra referência bíblica. Tal como Tobite, também Ester cegou, não por excremento de pássaro, mas por causa do clima inóspito de Macau, sempre atreito a tempestades. Se Tobite recobrou a vista e a felicidade familiar quando o filho, Tobias, se casou com uma parente sua, apesar dos fortes perigos de morte, Ester também só recobriria a clarividência perdida se optasse pela endogamia, ou seja, para prosseguir a interpretação alegórica, se o povo português retornasse, por completo, à terra e cultura de origem.

Ao fim da história contada por este *Nocturno em Macau* de Maria Ondina Braga, Ester parte de Macau, mas ficamos sem saber para onde, embora possamos suspeitar que seja de regresso a Portugal. Assim Maria Ondina Braga quis deixar uma interrogação em suspenso sobre a temática do *regresso*, que tem freqüentado boa parte da literatura portuguesa mais recente. Na verdade, Ester não se casou com Zacarias, que significaria a volta aos estreitos limites europeus da “velha casa lusitana”, antes partiu com a suspeita e a obsessão de que o seu amado chinês se teria suicidado ao ver que iria perdê-la. O mais interessante e chocante de tudo é que Ester nunca dominou a língua chinesa ou qualquer dos seus dialetos, só se comunicava em inglês com algumas pessoas e em português com menos pessoas ainda. Ao menos neste romance de Maria Ondina Braga, o ideal e o projeto da *lusofonia* não passam de utopia praticamente inviável. Além de ter apelado para os textos bíblicos a fim de desmontar o discurso colonialista português, a romancista escolheu textos traduzidos de poetas chineses para as epígrafes do seu livro. É ao outro, que afinal não se deixou colonizar, que cabe a explicação e o juízo sobre o processo colonial e seu relativo fracasso:

Tão difícil o encontro quão difícil é o apartamento
Uma a uma as flores estiolam-se no quebranto do vento leste.
Os bichos-da-seda de primavera dobam até a morte os fios do
/coração:
O pavio da vela tornando-se em cinzas antes de as lágrimas lhes
/secarem.

A preocupação do espelho da manhã é mudar nela o aspecto
/melancólico

LI SHANG-YIN (812-858) (BRAGA, 1991, p. 9).

Foi difícil o encontro de colonizador com o colonizado, porque cheio de violência, desconfiança e incompreensão recíproca. Mas o apartamento, ou seja, a descolonização, também se carrega de sofrimento, porque deixou marcas profundas dos dois lados, que impedem, dos dois

lados também, a volta pura e simples às situações nacionais (e tribais no caso da África) anteriores ao episódio colonial. Embora brutal, o encontro colonial de culturas abriu perspectivas para um novo modo de ser e viver, para uma manhã que apenas se anuncia e que nem sabemos se vai cumprir-se: a portuguesa Ester descobre a necessidade de conhecer e amar o outro, por mais diferente que o outro seja; a chinesa Xiao Hé Huá descobre, por sua vez, a necessidade de ultrapassar a milenar e refinada dominação chinesa sobre a mulher. Só essas duas descobertas já bastam para compensar a dificuldade e violência do encontro colonial.

Assim Maria Ondina Braga conseguiu achar uma *sobra* do Império bem diferente das que apontamos no princípio deste texto. Sobrou o desejo e a perspectiva de que a humanidade tem de evoluir, não em nome de valores nacionais, mas em nome de valores simplesmente humanos. Esse simplesmente humano, após esta crise elegíaca, é que deverá dar o tema e o tom para a grande epopéia do futuro. Neste sentido o *Nocturno em Macau* de Maria Ondina Braga é talvez a melhor réplica de hoje, tanto ao ufanismo decadente de *Os Lusíadas* de Luís de Camões, quanto ao pessimismo messiânico da *Mensagem* de Fernando Pessoa, essa última ainda incapaz, apesar do temperamento dramático do seu autor, de dar verdadeira voz aos outros com que Portugal se defrontou ao longo da sua história. Ainda segundo Li Shang-Yin, do poema-epígrafe do *Nocturno de Macau*:

A colina das fadas não é longe daqui.

Pássaro azul, apressa-te agora, vigia-me a estrada.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo, UNESP-HUCITEC, 1988.
- BÍBLIA de Jerusalém (A). São Paulo, Edições Paulinas, 1981. Particularmente: Tobias, p. 493-504; Ester, p. 519-529; Zacarias, p. 1257-1266; Evangelho segundo São Lucas, p. 1343-1377.
- BRAGA, Maria Ondina. *Nocturno em Macau*. Lisboa, Caminho, 1991.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.